

Um pio de resistência: conversas faladas, cantadas e *ficcionadas nos/dos/com* os cotidianos

A chirp of resistance: spoken, sung, and fictionalised conversations in/of/with daily life

Un pío de resistencia: conversaciones habladas, cantadas y ficcionalizadas en/de/con los cotidianos

ROSEMARY DOS SANTOS¹

THAYRA FERNANDES PEREIRA²

LETÍCIA AIRES DE FARIAS³

RESUMO: Rompendo com a linearidade de uma escrita acadêmica, este artigo surge com o objetivo de pensar as múltiplas linguagens – escritas, sonoras, visuais, digitais, corporais, artísticas e tantas outras – como manifestações legítimas de saber. Para isso, usamos como metodologia a apropriação criativa de um trabalho derivado do X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa, sob o tema “Redes educativas, imagens e sons na produção e circulação de ‘conhecimentosignificações’: conversas entre pesquisas em Educação”, que aconteceu entre os dias 13 e 16 de maio de 2024. Os movimentos dos cotidianos e os movimentos da cibercultura nos possibilitam acionar as conversas como dispositivos para criar narrativas ficcionais daquilo que nos afeta, nossas *‘narrativasafetos’*. E, com isso, traçamos uma conversa com o grupo de pesquisa “Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença” (Cunadi), coordenado por Maria da Conceição, e sua criação cotidiana “*Professoras em devir: fabulações imagéticas de si, problematizações do feminino e implicações para a docência e para os currículos*”, para assim compreender como nossas construções de saber podem nos ajudar a pensar a ciência e a sonhar com outros mundos.

PALAVRAS-CHAVE: Múltiplas linguagens; grupos de pesquisa; narrativasafetos; ficção.

1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

2. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

3. Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ.

ABSTRACT: Breaking away from the linearity of academic writing, this article aims to explore multiple languages – written, auditory, visual, digital, corporeal, artistic, and many others – as legitimate manifestations of knowledge. To achieve this, we employ a creative appropriation methodology based on work derived from the X Seminar of Laboratories and Research Groups, under the theme “Educational networks, images, and sounds in the production and circulation of ‘knowledge-meanings’: conversations between research in Education,” which took place from May 13 to 16, 2024. Everyday movements and cyberculture movements enable us to activate conversations as devices to create fictional narratives of what affects us, our ‘narrative-affects’. In this way, we engage in a conversation with the research group “Curricula, Audiovisual Narratives, and Difference” (Cunadi), coordinated by Maria da Conceição, and its daily creation “Teachers in becoming: image-based fabrications of oneself, problematizations of the feminine, and implications for teaching and curricula,” to understand how our constructions of knowledge can help us think about science and dream of other worlds.

KEYWORDS: Multiple languages; research groups; narrative-affects; fiction.

RESUMEN: Rompiendo con la linealidad de una escritura académica, este artículo surge con el objetivo de pensar las múltiples lenguajes –escritos, sonoros, visuales, digitales, corporales, artísticos y tantos otros– como manifestaciones legítimas de conocimiento. Para ello, utilizamos como metodología la apropiación creativa de un trabajo derivado del X Seminario de Laboratorios y Grupos de Investigación, bajo el tema “Redes educativas, imágenes y sonidos en la producción y circulación de ‘conocimientos significaciones’: conversaciones entre investigaciones en Educación”, que tuvo lugar entre los días 13 y 16 de mayo de 2024. Los movimientos de los cotidianos y los movimientos de la cibercultura nos posibilitan activar las conversaciones como dispositivos para crear narrativas ficcionales de aquello que nos afecta, nuestras ‘narrativas afectos’. Y, con ello, trazamos una conversación con el grupo de investigación “Currículos, Narrativas Audiovisuales y Diferencia” (Cunadi), coordinado por Maria da Conceição, y su creación cotidiana “Profesoras en devenir: fabulaciones imagéticas de sí, problematizaciones de lo femenino e implicaciones para la docencia y los currículos”, para así comprender cómo nuestras construcciones de conocimiento pueden ayudarnos a pensar la ciencia y soñar con otros mundos.

PALABRAS CLAVE: Múltiples lenguajes; grupos de investigación; narrativas afectos; ficción.

TECENDO GAIOLAS DE VENTO: O PASSARINHAR DA CRIAÇÃO

Despencados de voos cansativos

Complicados e pensativos

Machucados após tantos crivos

Blindados com nossos motivos

Amuados, reflexivos

E dá-lhe antidepressivos

Acanhados entre discos e livros

Inofensivos [...]

Passarinhos soltos a voar, dispostos a achar um ninho [...]

(Passarinhos, música de Emicida com participação de Vanessa da Mata)

Por meio de corpos e palavras, as imagens, os sons e os afetos se tornam poesia e urdem-se em tramas vivas, pulsando no compasso da existência. Este artigo enaltece a arte como força vital, uma potência que nos convoca à reinvenção dos modos de estar no mundo e à forja de ‘*conhecimentossignificações*’, tecidos por desejos e sensações. Em contraposição à mecanização e à coisificação dos ‘*corposmentes*’, propomos uma escrita política que reverbera em múltiplas linguagens: cantadas, faladas, *ficcionadas*. A experiência sensorial – tátil, sonora, visual – revela-se como um diálogo que não apenas nos atravessa, mas também nos impele a agir, a criar e a transfigurar; o “[...] que importa então a não-funcionalidade de um detalhe, uma vez ele já denota o que realmente ocorreu: o real concreto torna-se a justificação suficiente do dizer.” (BARTHES, 1984, p. 135).

A epígrafe deste texto nos convida, a partir da música, a ficcionalizar, inspirando todos os nossos sentidos a “ver, ouvir, tocar cheirar e degustar tudo aquilo que aparecer em nossos caminhos” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 23-24). Somos como “passarinhos” “dispostos a achar um ninho”, então precisamos ter a coragem de alçar voos e impedir as tentativas de aprisionamento, mostrando outras formas de narrar os ‘*conhecimentossignificações*’ que criamos a partir dos movimentos da cibercultura, visto que, nesse processo, nós também remixamos, hipermedializamos, hipertextualizamos e criamos redes rizomáticas em conjunto (SANTOS; FARIAS; PEREIRA, 2024). É por isso que escolhemos diferentes táticas, para que a criação aqui tecida não siga moldes acadêmicos, reduzindo a criação de um artigo a uma única linguagem: a escrita. Paradoxalmente, utilizamos as palavras para ultrapassar seus próprios limites, desdobrando-as em outras formas de expressão e

significado. Nesse gesto, reivindicamos práticas cotidianistas, ciberculturais e artísticas como espaços legítimos de saber, subvertendo a exclusividade da escrita como única forma válida de pensamento acadêmico. Recordamos, com Deleuze (1999, p. 4), que não há “tantas oposições entre as ciências e as artes”, reafirmando que o ato de pensar também é, por essência, criação. A narrativa transforma-se em um campo de resistência em que linguagens coexistem em saberes múltiplos.

A presente pesquisa, ancorada nesses escritos, nasce de uma provocação que antecede a linearidade imposta pelo tempo. A inquietação surgiu em um debate do grupo de pesquisa Educação e Cibercultura (EduCiber), ao nos depararmos com um trecho do livro *Uma escrita acadêmica outra: ensaios, experiências e invenções* que diz: “Como produzir uma escrita que expresse o transtorno, a falta de palavras, o excesso de delírio, a possibilidade da perda da razão?” (RIBETTO, 2016, p. 60). Assim, entre os dias 13 e 16 de maio de 2024, essa indagação encontrou ressonância nos ‘*espaços-tempos*’ da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com encontros ‘*dentro-fora*’ dos campi Maracanã e São Gonçalo. No X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa, sob o tema “Redes educativas, imagens e sons na produção e circulação de ‘conhecimentosignificações’: conversas entre pesquisas em Educação”, essa pergunta retornou a nós. O evento, organizado por laboratórios vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEDU), transformou-se em um espaço de compartilhamentos e experimentações.

Carregada por memórias fragmentadas, apagadas e por vezes dolorosas, a realidade do passado-recente foi invadida pela pandemia, que nos privou do toque em razão da “[...] necessidade de quarentena, evitando contato físico entre pessoas, fazendo que muitos se mantivessem em casa, numa espécie de isolamento social” (FARIAS; AVELAR; SANTOS, 2022, p. 2). A ausência dessas conexões nos fez compreender com ainda mais profundidade a importância dos abraços, dos beijos, dos olhares, dos cheiros e dos sabores. Por isso, encontramos táticas na cibercultura para subverter as imposições e “[...] aproximar os corpos distantes e mostrando diversas formas de sentir esse mundo pandêmico e sobreviver aos males da doença” (FARIAS; AVELAR; SANTOS, 2022, p. 2).

Em 2024, o evento não buscou apenas o retorno à presencialidade; também se propôs a cultivar algo maior: a parceria coletiva. Desse modo, cada grupo de pesquisa compartilhou, previamente, uma criação própria – fosse em formatos sonoros, imagéticos ou textuais. Em seguida, por meio de um sorteio, outro grupo foi convidado a

realizar uma apropriação criativa desse material, recriando-o e traduzindo-o em uma nova expressão. Foi nesse contexto que os movimentos ciberculturais nos mobilizaram a pensar em como apropriar-se, transformar, misturar-se ao Outro, que também é parte de nós. Essa prática despertou um movimento artístico de deslocamento e invenção.

Motivadas por essa proposta, abraçamos a metáfora dos pássaros. Como pássaros, voamos em bando, coletivamente, formando “uma nuvem de pios” (COUTO, 2013). Cada batida de asa é um convite ao Outro, um som. No ar, somos dança sem ensaio, curvas que se encontram, espaços que se apertam e se soltam, enquanto o movimento se refaz a cada instante. Não há solidão no voo: há proximidade, há o toque de estarmos lado a lado, há encontros. Nesse contexto, dialogamos com Ferraço (2024), reafirmando a arte e sua capacidade de subverter, sensibilizar e provocar, legitimando saberes outros que atravessam dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas. Do mesmo modo, a ciência, em sua inquietação criadora, expande os territórios da arte, construindo um campo de composição, em cujo interior, como nos diz Deleuze (1999, p. 6), “se dão grandes encontros”.

Se aprendemos que os seminários acadêmicos têm como finalidade a comunicação, o X Seminário nos convidou a desviar das trilhas bem demarcadas da normatividade e ‘*desaprenderaprendendo*’. Como afirma Deleuze (1999, p. 11), “a informação é exatamente o sistema do controle”. O filósofo compara a informação a um sistema de palavras de ordem: aquilo que organiza, regula e determina o que devemos crer e dizer. No entanto, às mesmas palavras que podem ditar controle também cabe a potência de ditar criação. A criação, por sua vez, não se submete à lógica da comunicação. Criar não é simplesmente enfileirar palavras, tampouco decifrar ou decodificar códigos previamente estabelecidos. Criar é inventar, é ousar neologismos, é um “flagrante delito de fabular” (DELEUZE, 2013 p. 161). E é nesse desvio que reside a resistência. A criação, como ato de resistência, foge ao controle e nos abre para a invenção de outros modos de pensar e existir. A arte cria vida, a arte escreve história e a arte também reescreve o próprio texto acadêmico, subvertendo as palavras de ordem para fazer delas caminhos de criação. Pensamos que, talvez, este seja o anseio do seminário: reconhecer as múltiplas criações como formas legítimas de produção científica, ultrapassando o instituído e resistindo coletivamente, como o pássaro, cuja presença nos toca em qualquer lugar, com sons que expressam o indizível.

Portanto, objetivamos, neste artigo, pensar as múltiplas linguagens – escritas, sonoras, visuais, digitais, corporais, artísticas e tantas outras – como manifestações legítimas de saber. Propomo-nos a expandir a concepção de ciência, mas sem

romper com o texto escrito, reivindicando outros modos científicos, em uma ciência viva, plural e sensível. Buscamos enaltecer as criações dos cotidianos, acolhendo-as como formas legítimas de conhecimento que questionam a rigidez cartesiana e ampliam as possibilidades epistemológicas *nos/dos/com* os cotidianos.

Acreditamos que a epistemologia dita o caráter político das pesquisas, e é por isso que os movimentos para se pesquisar com os cotidianos nos acompanham. Com esses movimentos, nós percebemos o *sentimento de mundo* (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) e sentimos o que os praticantes culturais⁴ (CERTEAU, 2003) querem nos contar sobre seus saberes, postura esta capaz de nos fazer encarar nossas cegueiras epistemológicas (OLIVEIRA, 2023) e romper com “[...] a parcialidade de nossa visão, desenvolvida no seio de uma cultura, também sempre parcial” (OLIVEIRA, 2023, p. 51).

Os cotidianos e seus praticantes carregam em suas relações os muitos ‘*conhecimentossignificações*’ que precisam circular (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) para romperem com essas cegueiras e ampliarem nossas percepções do que é a ciência e suas concepções. Por isso, inspiramo-nos nos pássaros, nossos personagens conceituais (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019), que, em seus movimentos, revelam que o deslocamento não é apenas geográfico, mas também poético. Cada voo é um gesto que narra histórias de partida, de encontro e, por vezes, de retorno. Desejamos mostrar outras formas de anunciar, com múltiplas linguagens, os saberes cotidianos que resistem e criam, em um *passarinhar de criação*. Talvez possamos aprender com eles a nos mover com a delicadeza de quem se deixa guiar pelo vento, sem temer as mudanças que o vento sugere, e “[...] essas maneiras incluem, de modo inseparável, o fazerpensar, tanto como a práticategoriaprática, em movimentos sincrônicos que misturam, sempre, agir, dizer, criar, lembrar, sentir...” (ALVES, 2003, p. 2).

Ainda nesse *passarinhar*, trazemos os movimentos da cibercultura em bricolagem com os movimentos dos cotidianos, mostrando a tessitura rizomática de nossas pesquisas. Para colaborar com essa narrativa, vamos *sempre além do já sabido* (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) e convidamos Mia Couto a tecer conosco, por meio de seu conto *O embondeiro que sonhava pássaros*,⁵ presente na obra *Cada homem é uma raça* (2013). Afinal, somos “pássaros, todos os que no chão desconhecem morada” (COUTO, 2013). O autor narra a história do passarinheiro, um

4. O termo praticante cultural se refere aos indivíduos que vivem e se envolvem dialogicamente com as práticas do cotidiano.

5. O conto pode ser lido através do link: <https://www.revistaprosaveroearte.com/o-embondeiro-que-sonhava-passaros-um-conto-mia-couto/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

homem sem nome que, mesmo invisibilizado e marginalizado pelo racismo colonial – “aquele preto quem era?” (COUTO, 2013) – encantava as crianças com suas gaiolas aladas e pássaros que pareciam voar, mesmo presos. Suas criações fabulares contrastavam com a dureza de um mundo que o relegava à sombra.

Movidas pelo X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa, adotamos a metodologia de compartilhamentos da apropriação criativa, acionando o dispositivo de conversa (SKLIAR, 2011), que compreendemos não como um simples acordo, mas como uma relação conversacional mútua e aberta. Nesse processo, apoiamos-nos no conceito de ficção (CERTÉAU, 2016) para nos recompor, recusando-nos a fixar nas datas marcadas do seminário, indo além, em direção àquilo que nele permanece em nós: um real que não existe mais, que nunca chegou a acontecer, mas que, contraditoriamente, continua habitando nosso presente. Utilizamos o Moodle como repositório de memória virtual e nos propomos a dialogar com um trabalho produzido por *‘professoraspesquisadoras’*.

Esse trabalho nos rompe, nos afeta (SPINOZA, 2010) e nos expande. É derivado do grupo de pesquisa “Currículos, Narrativas Audiovisuais e Diferença” (Cunadi), coordenado por Maria da Conceição. Apropriamo-nos desses materiais e estabelecemos uma conversa cheia de uma reciprocidade imaginada de saberes, na arte da criação e na ficção, gesticulando, gritando e, por vezes, silenciando. Movemos nossos corpos em direção à ação, narrando o lugar do Outro, que também é o nosso (SKLIAR, 2011), em seus transbordamentos e afetações.

FILHOS DA RUA, CANTOS QUE RESISTEM **NOS/DOS/COM** OS COTIDIANOS

Em *O que é filosofia?* (2000), Deleuze e Guattari teorizam sobre o caos, afirmando que buscamos apenas um sopro de ordem para nos proteger de sua voracidade. O caos, como descrevem, é a dor de um pensamento que escapa, de ideias que se desfazem no instante em que nascem, corroídas pelo esquecimento ou lançadas em uma espiral de fugas, sempre indomáveis. Partimos, então, desse encontro com o caos: a analogia com os pássaros e tudo o que ela evoca emergem dessa colisão.

A narrativa, que inicialmente se desenha na primeira pessoa do plural, desliza para a terceira, buscando um distanciamento ilusório de uma dor que nunca se ausenta, permanecendo insistentemente próxima. Esse deslocamento, contudo, não passa de um artifício: a dor não se aparta, apenas veste a máscara da neutralidade, camuflando-se no tecido do discurso. Adiante, o “nós” ressurgue, convocando o

coletivo que aproxima, como se o ato de narrar fosse, em si, uma convocação à partilha, uma impossibilidade de carregar sozinha o peso do vivido. Os verbos, então, arrastam-nos de volta aos ‘*espaçostempos*’ compartilhados, à geografia comum, em que a dor não é apenas memória, mas se transfigura em resistência, em uma criação tecida a muitas mãos, em um gesto que recusa o isolamento e abraça o Outro.

Em janeiro de 2024, uma enchente assolou o Rio de Janeiro, especialmente a Zona Norte.⁶ Naquele mês, uma das autoras deste texto viu sua casa ser tomada pelas águas. Entre tantas perdas materiais, uma dor mais funda se fez presente: a morte de Áquila, a calopsita de seu companheiro. O nome, inspirado na constelação da águia, carregava consigo a promessa de voo, mas Áquila não voou. Quando jovem, fora atacada por um rato, e suas asas nunca recuperaram a força. Ainda assim, ela resistia. Seu piar era como um manifesto pela liberdade de existir. No chão, batia as asas como se buscasse o céu, a finitude-infinita que não alcançava. Naquele dia, quando as águas invadiram a casa, Áquila permaneceu imóvel no chão. A correnteza, indiferente, a engoliu. Seu último pio foi um canto de resistência, um som que ecoou antes de ceder ao silêncio. E o silêncio era quase insuportável. A gaiola, que era aberta, encontrava-se, agora, vazia. Fechou os olhos. Mas então “[...] acordou num chilreio. Os pássaros! Mais de infinitos, cobriam toda a esquadra” (COUTO, 2013). Outros pássaros começaram a soar, enchendo o espaço vazio com seu canto. No início, o piar parecia um lamento, um eco da tragédia que sufocava. Não queria ouvir mais sons, mas, mesmo entre os escombros, as aves insistiam em existir. A telha de sua casa tornou-se abrigo para esses habitantes da natureza.

A sinuosidade do artigo nos transporta de volta à universidade, consentânea à linha de pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais. Voltamos à escrita do “nós”, na primeira pessoa do plural, entregando-nos à pluralidade e à diversidade de sentidos que ela carrega. Estudamos *nos/dos/com* os cotidianos e, em uma simbiose inevitável, tornamo-nos partes inseparáveis de nossas pesquisas, nas quais todos os sons, imagens e encontros contam histórias e revelam ‘*conhecimentosignificações*’. Os acontecimentos nos mobilizam. Compreendemos que não há como fugir do caos: esconder-se dele é abdicar da vida. Queremos, em uma docência artística, extrair do caos a sensibilidade, os afetos e os perceptos, compondo

6. Fortes chuvas no Estado do Rio de Janeiro alertam para a falta de infraestrutura da cidade e, principalmente, ressaltam as desigualdades nos bairros periféricos, os que mais sofrem com o volume e os estragos causados pelo acúmulo de água. Cf.: <https://neomundo.org.br/2024/01/18/chuvas-no-rio-repetem-tragedia-anunciada-e-acentua-desigualdades/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

um plano que nos permita experimentar linhas de fuga criativas e deslocar-nos para novas possibilidades (DELEUZE; GUATTARI, 2000).

Aprendemos com os cotidianos a arte da resistência, a capacidade de conduzir o caos sem deixá-lo nos engolir. Como afirma Deleuze (1999, p. 14), “Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta entre os homens”. Os pássaros, com seus cantos, deixaram de ser apenas mensageiros da perda para se tornarem memória de algo maior: um gesto de vida que persiste, mesmo diante do caos. Águila está viva! Como corpo-incorpóreo, como símbolo, uma imagem de resistência que enfrenta o descaso público diante das inundações que devastam, de forma recorrente, as regiões periféricas. Sua história ecoa como os cantos que ela jamais pôde entoar plenamente: um manifesto silencioso que nos convoca a não esquecer. Por isso, concordamos com Deleuze e Guattari (1997, p. 32 *apud* TADEU, 2002, p. 53):

Quando pensar no conceito de “pássaro”, não perguntar “a que gênero pertence ou que espécies tem?”, mas “de que se compõe?” Não “o que é?”, mas “o que ele pode fazer?” e o “que podemos fazer com ele?”. Pensar no “conceito” de pássaro a partir da “composição de suas posturas, de suas cores e de seus cantos”.

Incorporamos o conceito de pássaro em sua composição de cores, cantos e, sobretudo, de resistência. Por isso, aliamos-nos a Mía Couto em sua literatura do imaginário. O poético, que invade a dor de uma colonização sangrenta, fabula com a sensibilidade do “faz de conta”, resiste aos apagamentos de sujeitos que viram números e de pessoas que sequer têm nomes em meio às estatísticas. Em *O embondeiro que sonhava pássaros* (2013), Couto narra a história daquele que não é nomeado, mas apelidado de passarinho. Um homem negro que atravessa as ruas descalço, carregando seus pássaros em gaiolas que não os aprisionam verdadeiramente.

A hostilidade dos colonos brancos o vê como uma ameaça à ordem estabelecida. Mas o passarinho tinha as crianças. Tinha Tiago, o menino fabulador que desobedece a seus pais para sonhar com os pássaros. Os pássaros piavam, e “[...] aquela música se estranhava nos moradores, mostrando que aquele bairro não pertencia àquela terra. Afinal, os pássaros *desautenticavam* os residentes, estrangeirando-lhes” (COUTO, 2013). A ancestralidade da terra grita: os estrangeiros somos nós, que não nos aventuramos na arte de fabular, que não escutamos os sons, que não vemos para além da visão, que não sentimos o mundo com os

sentidos abertos. As crianças, como Tiago, tornam-se “mais filhos da rua que da casa” (COUTO, 2013). A rua, os cotidianos, a terra, a ancestralidade são ‘*espaços-tempos*’ vivos de uma ‘*aprendizagemensino*’, por meio da qual se ‘*aprendeensina*’ para além dos muros, na liberdade do viver. No caos e na tragédia, o passarinho desaparece, mas os pássaros permanecem. Eles lembram aos colonizadores que há resistência no sonhar, que a liberdade é um voo impossível de aprisionar.

O X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa revelou-nos que o ato de criar é, acima de tudo, um gesto de resistência: às amarras que nos sufocam, às formas que nos enquadram, aos silêncios que nos impõem. É no múltiplo, no cruzamento de vozes, nos saberes ordinários que ‘*aprendemosensinamos*’. Há uma urgência em romper os limites que restringem as produções artístico-culturais no campo do conhecimento, uma necessidade de libertar o que não se encaixa nas formas rígidas do sistema acadêmico. No vídeo *A necessidade da criação artístico-cultural para/na área da Educação: criação e experiências*, disponível no YouTube,⁷ Ferraço (2024) nos convida a refletir sobre a valorização quase exclusiva do artigo científico, medido pelas métricas centralizadoras do Qualis Periódico. Essa hegemonia, imposta pelos legisladores do saber⁸ (OLIVEIRA, 2014), exclui práticas e produções que carregam a força do sensível, a profundidade do ético e a delicadeza do estético. Tudo aquilo que não cabe nas normativas é silenciado, como se não tivesse o mesmo rigor ou relevância.

Para Ferraço (2024), e para nós, as práticas culturais e os gestos criativos carregam em si um pensamento tão denso quanto qualquer artigo. São expressões de vida e resistência que permanecem à margem não por falta de valor, mas por não se conformarem à lógica que invisibiliza o que não pode ser mensurado. Alves, Ferraço e Gomes (2019, p. 1036) lembram-nos de que “Nosso movimento de criação não existe porque o queremos, mas porque é uma necessidade da vida em nossos tantos cotidianos”. Sendo assim, abraçamos a metodologia da apropriação criativa, um chamado à criação que nos convoca a questionar e reconhecer o conhecimento como um ato vivo e plural. Nesse processo, a resistência, em todas as suas formas, manifesta-se como um gesto que reinventa e desafia o que está posto. Afinal, a arte, a cultura e a educação tecem novos mundos possíveis. É por meio delas que

7. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/7lU4u4ujcHo?si=4BthusPYxisuDd4K>. Acesso em: 4 dez. 2024.

8. Os legisladores do poder são aqueles que possuem o poder de definir os modos de produção de conhecimentos no campo da pesquisa acadêmica e que definem o que é ou não divulgado, de acordo com suas relações de poder/saber capitalistas (OLIVEIRA, 2014).

sustentamos o imaginário coletivo em tempos de profundas transformações, mantendo vivo o desejo de criar, resistir e fabular.

QUANDO O CHÃO NÃO É LUGAR: A LINGUAGEM DO VOO

Retornando a nossa epígrafe, percebemos na música de Emicida o quanto os passarinhos resistem às imposições de viver em um sistema que tanto nos cobra, que tanto nos amarra e tenta nos manter aprisionados no chão ou nas gaiolas das rotinas. E mesmo com tantas estratégias, deixa-nos “*cansados, complicados, pensativos, machucados, blindados, amuados e reflexivos*”, com o objetivo de parar nossos voos e romper com os sonhos daquele passarinho, mas contrariamos essas expectativas e continuamos “*a voar dispostos*”.

Escolhemos continuar a alçar voos porque compreendemos que, nesse ato de potência, podemos ler o mundo e amplificar “nossas perspectivas de sonhar outros mundos” (SANTOS *et al.*, 2021, p. 180). Para isso, lançamo-nos ao desconhecido: ouvimos outros pássaros, sentimos a pluralidade do amanhecer e nos entregamos ao inesperado do acontecimento. A arte de pensar com os sentidos nos levou a habitar um estado de devir. Como afirmam Deleuze e Guattari (1997), o devir nunca é um movimento solitário, ele acontece na relação, no encontro: aquele que devém e aquilo que o atravessa formam juntos um bloco de intensidades. Não há equilíbrio, apenas fluxo, um movimento dinâmico e sempre em transformação. O devir não é uma troca, mas sim uma confiança sem interlocutor possível, um acontecimento singular que escapa às palavras e às formas fixas. Esse devir, portanto, encontra em nós e em nossas redes um agenciamento rizomático, uma multiplicidade em que os fluxos do desejo não se encerram, e sim se expandem, criando novos caminhos e novas intensidades, arrebatando-os.

Em um devir-passarinho, tomamos os movimentos da cibercultura, porque entendemos que se trata de “[...] um processo que se dá em rede e nas redes, onde a interação entre os outros contextos e o modo como nessas interações incorporamos ‘*conhecimentossignificações*’ que nos permitem atuarmos em nossas práticas” (SANTOS *et al.*, 2021, p. 197), em diferentes ‘*espaçostempos*’. Assim, trazemos em nossas escritas um “nós” de algo que nos move, uma evolução a-paralela que escapa à linearidade. De modo semelhante, na narrativa de Mia Couto, o menino, ao ouvir que “a voz do passarinho lhe chegava, vinda de além-grades” (COUTO, 2013), não se transforma em pássaro, mas se deixa atravessar pelo chamado. Ultrapassamos

fronteiras: “foi-se embalando no ritmo, deixando de escutar o mundo lá fora” (COUTO, 2013). Ambos mostram que o devir não consiste em assumir a forma do Outro, mas em abrir-se ao encontro que desestabiliza, reconfigura e recria o ser. Na canção de Emicida e na raiz de Tiago, que se *arvoreja*, o desejo pulsa em composições ativas e coletivas. Somos, nesse movimento, rizomas e seres em potência, afetados pelas intensidades que nos atravessam.

Entre devires, encontros e composições, configura-se o agenciamento, no “entre”, no intervalo em que corpos, pensamentos e forças se encontram e se criam. Nesse fluxo, o desejar não se esgota: ele se multiplica, criando ‘*espaçotempos*’ de relação que atravessam o ‘*sentirpensar*’. Como observa Deleuze e Parnet (1998), o agenciamento é a unidade mínima real, um plano de imanência em que multiplicidades se organizam, rompendo com ideias, conceitos ou significantes isolados.

No X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa, habitamos o “entre”. Não sabemos ao certo quando começou, mas sabemos que estamos vivendo esse processo e que ele não terminará, pois pulsa em nós. Nossos corpos-incorpóreos encontraram-se com outros, instaurando um campo de escuta, de criação e de dizeres até então silenciados. Conforme argumenta Bajour (2023, p. 100), “[...] nossos silêncios não estão tão sozinhos quando nos abrimos aos dizeres e calares dos outros e outras. Só assim os silêncios fazem sentido. O silêncio é sempre ‘entre’”. Nesse encontro com o não dito, o silêncio ressoa em nós, compondo uma escuta compartilhada que se revelou como um grito em potência – um impulso capaz de romper a imobilidade e movimentar o pensamento. Agenciadas por esse devir, permanecemos imersas no movimento do “entre”, na expansão contínua do que somos, do que ainda podemos ser e do que se recusa a se extinguir em nós.

Em um ato de criação coletivo, apropriamo-nos de um trabalho apresentado no X Seminário de Laboratórios e Grupos de Pesquisa, que reafirmou a luta por uma pesquisa que corrobore as narrativas, em suas mais variadas formas – imagéticas, oralizadas, escritas – e esculpidas em múltiplos modos de ‘*sentirfazerpensar*’. Essas produções emanam do poder criativo de um grupo de pesquisa liderado por ‘*professoraspesquisadoras*’ que resistem e criam por meio de linguagens plurais e insurgentes. Sua obra nos desafiou: *Professoras em devir: Fabulações imagéticas de si, problematizações do feminino e implicações para a docência e para os currículos* (Cunadi), disponível no Moodle do Seminário.

Narraremos as experiências ciberculturais, audiovisuais, imagéticas e sonoras como um exercício de fabulação ficcional. Inspiramo-nos no dispositivo da conversa,

conforme Skliar (2011), para criar nossas ‘narrativasafetos’ (SANTOS; FARIAS; PEREIRA, 2024), que se apresentam como um movimento capaz de invadir os sentidos e desestruturar a lógica do ordenamento. Não se pode conter o ar da palavra, ela precisa ser libertada. Assim, a conversa não segue uma alternância metódica – ela se rompe no caos, fragmenta-se e se refaz. Mais do que respostas, ela suscita dúvidas, multiplicando questionamentos. Skliar (2011, p. 201) afirma que a conversa rejeita a urgência, subvertendo um mundo ansioso por finalidades. Narramos porque estamos vivas, tensionadas por “[...] desentendimentos, incompreensões, impossibilidades, perdas de argumentos, perguntas de um lado apenas, respostas que não chegam”.

Propomos, então, uma conversa que não se limita aos sujeitos, pois se dá entre o criador e sua criação – esta, mesmo carregando os traços de quem a concebeu, transcende-o, tornando-se algo para além de sua origem. A criação é, simultaneamente, continuidade e ruptura: ela escapa, desdobra-se, adquire autonomia e, por vezes, confronta aquele que a originou. Conversamos com a criação, que também é criador, compondo dizeres ficcionais que não ocorreram no momento de sua existência concreta, mas que habitam as entrelinhas deixadas pelos trabalhos. É o não dito que emerge de nós, o “não existe” que ganha forma em ‘*corposmentes*’, gestos silenciosos e palavras ausentes.

A conversação tecida no corpo deste texto é aquela que, ao não ser, devém – recriada no fluxo da memória e *ficcionalizada* nos atravessamentos que nos movem e deslocam. Para Michel de Certeau (2016), a ficção foi historicamente relegada aos mitos e à oralidade, subjugada por uma historiografia que buscava, com rigor, separar o falso do verdadeiro, atribuindo a si mesma o poder de legitimar certezas. Contudo, não almejamos representar o real, mas sim fabular suas possibilidades. A narrativa aqui não se propõe a fabricar verdades, mas a inventar mundos sonhados, desterritorializando certezas em uma sociedade que coisifica saberes e aprisiona o ato criativo em moldes técnicos e utilitários. Defendemos a concepção de que a ciência, quando desvinculada da busca pela verdade absoluta, também se apresenta como uma forma de ficção – não em oposição à mentira, mas como um gesto criativo que reinventa e fabula realidades. Em nosso encontro com a criação, experimentamos um movimento que não se encerra. Essas produções resistem: habitam as lacunas, ecoam nas ausências e revelam a potência do inacabado. Conversar com essas criações é um ato de resistência – uma prática que se constrói na arte dos encontros, na reinvenção contínua e na possibilidade de imaginar novos mundos.

No vídeo *Professoras em devir: fabulações imagéticas de si, problematizações do feminino e implicações para a docência e para os currículos*, produzido pelo Cunadi/ProPEd/Uerj, acompanhamos 15 narrativas imagéticas e verbais que, por meio de ensaios fotográficos e videográficos, questionam estereótipos de gênero associados à docência. Essas fabulações, realizadas com professoras e estudantes, desafiam as padronizações da profissão ao explorarem novas possibilidades de ser mulher e professora, rompendo o rosto-professora e reinventando-se por meio de composições ficcionais que ressignificam práticas e currículos nos cotidianos educativos. Entre tantas narrativas ricas, destacamos as de Isabela Vique e Sarah York para conversar conosco.

Isabela Vique ficciona-se em Frida, imaginando-se como uma mulher cuja força rejeita estereótipos e resiste às padronizações impostas. Ao se fantasiar como o Outro, ela encontra meios de vivenciar a si mesma, capturando em imagens aquilo que considera a potência de Frida Kahlo – uma mulher à frente de seu tempo. Isabela é fotografada com o que simboliza essa força, e suas imagens “[...] operam como possibilidades, impulsos, violências para a fabulação, para a produção de novos enunciados e novos desejos” (SOARES, 2013, p. 742). E qual é o seu desejo?

Eu gostaria de ser vista como uma mulher forte também. Como sou tantas outras coisas, sou forte também [...]. A minha fantasia é da Frida. Eu escolhi porque junto com essa ideia que as pessoas têm de mim [...] e a Frida foi uma mulher muito forte, muito à frente do seu tempo. (VIQUE).

Conversamos *ficcionalmente* com Isabela, em um conversar fabulado, imaginado, no qual as palavras se desdobram em possibilidades. Dissemos a ela, professora da Educação Infantil, que é aquilo que deseja ser:

Devemos romper com as construções exteriores; desestabilizar o rosto-professora – essa rostidade que coagula fluxos e aprisiona pessoas em sistemas de significações (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Não há limites para o que podemos ou devemos ser, viver e criar. É necessário cultivar uma docência que fabula, uma docência artística... (NÓS).

Soares (2013, p. 739), atravessando nossa conversa imaginada, arranca o percepto das percepções, o afeto das afecções, revelando “o que ainda não existe”. Ficcionalizar-nos é traçar novas linhas de invenção, um movimento que nos reinventa no ato de criar. Isabela continua a nos provocar:

Eu, naquele momento, entendia que me identificava porque tinha o perfil de professora de Educação Infantil. Qual era o perfil? Uma voz mais doce, um temperamento um pouco mais calmo. E aí entendi que realmente sou uma pessoa um pouco mais calma, mais paciente [...] mas eu sou muitas outras coisas. Eu também sou muito firme, uma pessoa forte e determinada. (VIQUE).

Sarah York chegou e resolveu participar de nossa conversa. Sarah, que no teatro e na arte foi excluída e marginalizada, sempre desafiou a rostidade que lhe era imposta. Fugindo do “eu sou”, compreendia que sua identidade não era fixa, mas precisava ser demarcada como um ato político – uma identidade fluida, aberta. E então disse:

[...] e isso é muito interessante, porque quanto mais eu materializava a mulher, a travesti que sou, [...] mais eu era retirada dessa cena e dessa participação. (YORK).

Balançamos a cabeça, em um sinal afirmativo, e continuamos:

Não somos um perfil único. Ser mulher não representa um tipo de mulher, assim como ser travesti. É na criação de novos fluxos de potência que o devir se torna um ato de resistência e reinvenção, permitindo uma multiplicidade de afirmações de liberdade. (NÓS).

Ao falar da rostidade, que nos coloca em uma teia de interpretações e padrões preestabelecidos (DELEUZE; GUATTARI, 1997), Sarah contou sobre sua experiência como professora. Uma professora que, pela própria presença, já desestabilizava preconceitos, já rompia com as caixinhas onde tentavam colocá-la. Sarah explicou que, por meio da maquiagem e do cabelo, conseguiu encontrar resistência e, ao mesmo tempo, uma diversidade que habitava nela mesma. York continuou compartilhando um pouco sobre sua experiência em sala de aula:

[...] chego numa sala de aula e falo – “E aí, gente! Vamos brincar?” [...] e toda essa alegria que sinto quando estou lá começa de um mundo muito falso. Porque preciso me agarrar a essa falsidade. (YORK).

Um silêncio nos atravessa. E, enquanto ouvimos as palavras de York, entendemos que o falso, nesse caso, não é mentira, mas um fabular. Nesse conversar atravessado por

muitas vezes, Soares nos interrompeu no exato momento em que havíamos puxado o ar para falar. Conceição, então, falou sobre a fabulação como um gesto necessário:

Uma fabulação de um passado nas contingências de um presente. Memória, assim compreendida, como fabulação que reconfigura passado e presente. (SOARES, 2013, p. 742).

Concordamos e retomamos sua ideia:

Essa falsidade é uma fabulação de uma alegria necessária, um ato de criação que atravessa as forças de opressão e as transforma. É uma resistência que não nega o mundo em que vivemos, mas inventa mundos possíveis dentro dele. Fabular, nesse contexto, não é fugir da realidade, mas traçar linhas de fuga que resistem ao que nos é imposto. É nesse gesto de fabulação que a alegria se torna potência, que a falsidade se revela um movimento de felicidade. (NÓS).

Despedimo-nos delas para abrir caminhos a novas conversas, conscientes de que esse conversar continuará a atravessar nossos futuros encontros, compondo outros compartilhamentos. Isabela e Sarah, duas mulheres que fabularam e auto-ficcionalizaram a si mesmas, fizeram desse gesto um ato vivo, uma resistência aos modos normativos de ser mulher, de ser travesti e às infinitas possibilidades de expressão do próprio eu. Seja na fantasia de Frida ou no poder transformador da maquiagem, a fabulação surge como um movimento de fuga às capturas que tentam nos conter, que nos definem no singular, quando o ser é plural. Fabular é elevar-se às potências do devir, da invenção, do encontro que acolhe o Outro e da colisão que nos desestabiliza. É arrancar o rosto, dismantelar os códigos e as interpretações que nos moldam, permitindo que o sentir nos invada, que o desejo nos atravesse, nos mova, nos recrie. É um convite à abertura para o múltiplo, para o que transborda, para aquilo que resiste à fixação e insiste em existir como potência viva.

Portanto, daremos um pio de luta – um grito sutil como uma canção, que carrega em si a força dos pássaros e a promessa do voo. As gaiolas que nos prendem são feitas de vento; invisíveis, elas se erguem nas palavras e se desfazem nos encontros. “As portas estavam abertas, a prisão deserta” (COUTO, 2013). São nesses encontros que aprendemos a tecer a linguagem do voo, um movimento que não se encerra, mas se transforma a cada atravessamento. Como nos ensina Manoel de Barros (1999, p. 470), não se deve “[...] interromper o voo de um pássaro botando ponto no final da frase”. Escrevemos em pleno ar: atravessando

sentidos, afetos e invenções, compondo um saber que também é sentir; um dizer que está no porvir, “[...] porque os passarinhos precisam antes de belos ser eternos. Eternos que nem uma fuga de Bach” (BARROS, 1999).

POR ONDE ESCAPA O CANTO: A ARTE DE SER LIVRE

Para entender como ser livres, precisamos retomar a pergunta inicial, feita por Ribetto (2016), sobre como produzir uma escrita com tantas possibilidades para narrar nossos compartilhamentos e experimentações. Escolhemos, por meio de uma escrita não linear, romper com as amarras de um sistema hegemônico que surge com um formato imposto pelos legisladores do saber. Nossa opção é pelas conversas ficcionais ou, ainda, por nossas ‘*narrativasafetos*’, que nos motivam a buscar as fugas e o que nos escapa, para irmos além, para tecermos as redes educativas que formamos e que nos formam (ALVES, 2019).

As conversas aqui construídas não são mais nossas, são derivadas do que nos afeta e incentivam a mobilização de outros ‘*conhecimentossignificações*’, principalmente a busca por sonhar outros mundos, “[...] dialogando, problematizando, tensionando e complementando aquilo que é produzido na universidade” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 33). Deixamos aqui demarcado que nossas escolhas em pesquisar com os movimentos dos cotidianos e com os movimentos da cibercultura é uma forma de anunciarmos nossas opções éticas, estéticas, políticas e poéticas. Por isso, deixamos esta obra livre, passível de mudanças, de transformações, remixagens, virtualizações e atualizações, para que cada nova conversa, tecida a partir desta escrita, traga novos sentidos e rompa com as cegueiras epistemológicas ainda presentes.

Queremos convidar todos a quebrar as suas “*blindagens*”, que existem por “*nos-sos motivos*”, como Emicida nos apontou na epígrafe, pois só rompendo com aquilo que nos prende, que nos deprime, é que poderemos alçar os verdadeiros voos e seguir no devir-passarinho procurando nosso “*ninho*”. Rumo ao desconhecido, ao inacabado, ao caos, mas com a certeza de que, nesse processo, nós nos encontramos e percebemos que ciência pesquisamos e que mundo queremos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, N.; CALDAS, A. N.; ALVES, N. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos – após muitas “conversas” acerca deles. In: OLIVEIRA, I. B. de; PEIXOTO, L. F.;

- SÜSSEKIND, M. L. (Org.). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente:** questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: Editora CRV, 2019. p. 19-45.
- ALVES, N. G.; FERRAÇO, C. E.; GOMES, M. A. O. Os cotidianos – espaçotempos de resistência e criação. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 1026-1038, 2019. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss3articles/alves-ferraco-gomes.pdf>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, p. 1-8, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/23967>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- ALVES, N. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas:** memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. São Paulo: Cortez, 2019. 160 p.
- BAJOUR, C. **Cartografia dos Encontros:** literatura, silêncio e mediação. São Paulo: Selo Emilia, 2023. 184p.
- BARROS, M. **Exercícios de ser criança.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.
- BARTHES, R. **O rumor da língua.** São Paulo: Cultrix, 1984.
- CERTEAU, M. de. **História e Psicanálise:** entre ciência e ficção. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- COUTO, M. **Cada homem é uma raça:** contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DELEUZE, G. **O ato de criação.** São Paulo: Folha de São Paulo, 1999.
- DELEUZE, G. **Conversações.** São Paulo: Editora 34, 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2000.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998.
- FARIAS, L. A. de; AVELAR, M. S. de; SANTOS, R. dos. Os fenômenos da cibercultura: como as narrativas epidêmicas se entrelaçaram às práticas curriculares de professores de Química na educação Básica. **Rev. Espaço do currículo**, João Pessoa, v. 15, n. 3, p. 1-10, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/64679/37704>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- FERRAÇO, C. A necessidade da criação artístico-cultural para/ na área da Educação: criação e experiências. **YouTube**, Canal ANPEd Nacional, [S. l.], 25 out. 2024. 1 vídeo (Aprox. 120 min.). Col. Son. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/7lU4u4ujcHo?si=1bLUaBugC7gExngJ>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- OLIVEIRA, I. B. de. Isto não é um artigo científico: a hegemonia contestada e os novos modos de pesquisar. In: GARCIA, A.; OLIVEIRA, I. B. de. **Aventuras de conhecimento:** utopias vivenciadas nas pesquisas em educação. Petrópolis: DP et Alii, 2014. p. 27-37.
- OLIVEIRA, I. B. de. **Pesquisando com os cotidianos:** uma trajetória em processo. Petrópolis: DP et Alii, 2023. 188p.
- RIBETTO, A. Experiência, experimentações e restos na escrita acadêmica. In: CALLAI, C., RIBETTO, A. (Org.). **Uma escrita acadêmica outra:** ensaios, experiências e invenções. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 58-67.
- SANTOS, R. dos; AIRES, L.; AVELAR, M.; HASSEL, M. Sonhos de Akira Kurosawa e Ailton Krenak: para “vermosouvirmossentirmospensarmos” o mundo. In: ALVES, N.

- (Org.). **Os sonhos de Kurosawa na pandemia:** ‘fazerpensar’ escolas com estudantes e docentes. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2021. p. 174-199.
- SANTOS, R. dos; FARIAS, L. A. de; PEREIRA, T. F. **Entre ver, rever e transver as pesquisas com os cotidianos:** serendipidade e ‘*narrativasafetos*’. 2024. No prelo.
- SKLIAR, Carlos. Conversar e conviver com os desconhecidos. In: FONTOURA, Helena Amaral da (Org.). **Políticas públicas, movimentos sociais:** desafios à Pós-Graduação em Educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPEd Nacional, 2011. p. -27-37. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/anpedina2011/livro3.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- SOARES, M. C. S. Pesquisas com os cotidianos: devir-filosofia e devir-arte na ciência. **Educação & Realidade**, São Paulo, v. 38, p. 731-745, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/sTMfkPJmY8pFJ7DxR3xBBSqq/>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- SPINOZA, B. **Ética**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- TADEU, T. A arte do encontro e da composição: Spinoza+ Currículo+ Deleuze. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 47-57, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/25915>. Acesso em: 4 dez. 2024.

SOBRE AS AUTORAS

Rosemary dos Santos é graduada em Letras e Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed – UERJ). Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso. Professora Associada da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Líder do Grupo de Pesquisa Educiber (Educação e Cibercultura).

E-mail: rose.brisaerc@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0479-1703>.

Thayra Fernandes Pereira é graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPed – UERJ). Bolsista Faperj Nota 10.

E-mail: thayrafpereira@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9139-0749>.

Letícia Aires de Farias é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/Uerj). Mestre

em em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/Uerj). Especialista em Ensino de Química pelo Colégio Pedro II. Licenciada em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRJ). Bolsista Qualitec do Centro de Tecnologia Educacional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CTE/UERJ).

E-mail: farias.laf@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9600-6436>.

Recebido em 18 de dezembro de 2024 e aprovado em 08 de fevereiro de 2025.